

apresentação

O século 16 significou um ponto de inflexão na longa transição que se operou entre a Idade Média e a sociedade urbano-industrial assentada nas relações capitalistas de produção. Nessa centúria, a ação econômica protagonizada pela burguesia mercantil engendrou uma série de acontecimentos que desestruturou o mundo medieval, particularmente com base em três significativos episódios que condicionaram historicamente os séculos seguintes: a criação do mercado mundial de troca de mercadorias resultante das grandes navegações, o processo de formação dos Estados nacionais e a reforma protestante. Assim, a imbricação que ocorreu entre o comércio em escala planetária, o primado das línguas vernáculas sobre o latim e a cisão no seio da cristandade mergulhou a Igreja Católica, autoridade supranacional da sociedade medieval, numa profunda crise espiritual.

Mas o papismo não tardou em formular uma resposta global para o mundo que começava a ficar de “cabeça para baixo” e a contestação da Igreja Católica ao mundo burguês veio na forma do Concílio de Trento (1545-1563). Assim, munida pelos decretos e diplomas tridentinos, que consubstanciaram a sua dogmática cristã, a igreja romana atravessou os séculos seguintes, a era das revoluções, lutando contra as transformações produzidas pelos novos protagonistas gerados pela sociedade capitalista, ou seja: burgueses e proletários.

A Companhia de Jesus surgiu nesse contexto histórico engendrado a partir do século 16. Canonizada pelo Papa Paulo III, por meio da Bula *Regimini Militantis Ecclesiae* (1540), a Ordem religiosa criada por Inácio de Loyola nasceu para apostolar no mundo secular com três objetivos muito bem definidos: defender o Papa, reconverter os

cristãos, particularmente os reformados, e evangelizar os chamados “povos bárbaros” que habitavam os outros continentes. Foi assim, movidos por esses princípios militantes, que os padres jesuítas desembarcaram no mundo colonial ibérico. Somente nas terras brasílicas, por exemplo, a Companhia de Jesus exerceu uma hegemonia educacional de 210 anos, que começou em 1549, com a chegada da primeira expedição liderada pelo padre Manoel da Nóbrega, até 1759, quando foi expulsa pela política empreendida por Pombal, o primeiro-ministro do rei D. José I.

Mas, durante o tempo em que permaneceram nas colônias ibéricas, os padres inicianos executaram duas missões que estavam organicamente relacionadas entre si: de um lado, processaram a evangelização dos ditos “gentios”, em regra, por meio de ações violentas físicas e simbólicas; e, por outro, cancelaram os modelos colonizadores levados a cabo por portugueses e espanhóis, isto é, participaram ativamente do sistema econômico estruturado com base na grande plantação (latifúndio, agropecuária e trabalho escravo). Entretanto, a evangelização jesuítica produziu os seus frutos religiosos e culturais, já que o imenso território latino-americano, do México à Patagônia, professa hoje a fé católica apostólica romana, de forma quase hegemônica, graças à missão evangelizadora empreendida pela Companhia de Jesus e as outras ordens religiosas.

Este dossiê sobre a educação jesuítica no mundo colonial ibérico, que ora apresentamos à comunidade educacional brasileira, tem o intuito de ampliar as visões e interpretações sobre o processo de formação societário latino-americano, em particular o sul-americano. Retomar a discussão sobre a ação educacional jesuítica do período colonial significa também preencher lacunas, na medida em que voltamos a temas que foram abandonados pelas pesquisas em história da educação, principalmente no Brasil. Portanto, acreditamos que os 210 anos da missão jesuítica no Brasil Colonial, que representaram o maior período da história brasileira sob a orientação de uma mesma política educacional, ainda precisam ser estudados de forma sistemática. Assim, o escopo a que se propõe o dossiê em tela não é tão-somente o de resgatar uma temática de pesquisa que ainda precisa chegar a conclusões satisfatórias, mas, também, o de colocar em evidência a própria progênie societária brasileira.

Por fim, quero agradecer a todos os meus colegas da universidade brasileira que ainda se empenham em continuar pesquisando sobre a problemática educacional jesuítica do período colonial, em especial aos que compõem o presente dossiê. Além disso, gostaria também de manifestar a minha gratidão, na pessoa de Jair Santana, aos laboriosos profissionais que ajudam a materializar caprichosamente as publicações editadas pelo Inep. A vocês, o meu muito obrigado.

Amarilio Ferreira Jr.
Organizador